

# A TERRA NA CONFECÇÃO DE TINTAS QUE, ATRAVÉS DAS CORES, PROMOVE INTEGRAÇÃO E MUDANÇAS NA UNIVERSIDADE

Gustavo Fardin Broglio<sup>1</sup>; Murilo Roberto Arthuso<sup>2</sup>; Narah Cristina Israel dos Santos<sup>3</sup>

Arquitetura e Urbanismo, PUC Minas, Campus Poços de Caldas

<sup>1</sup>gustavobroglio.au@gmail.com; <sup>2</sup>muriloarthuso@live.com; <sup>3</sup>narah.cristina@yahoo.com

**Palavras-chave:** terra, integração, tintas, transformação, espaços

## Resumo

A comunicação apresenta uma experiência que envolveu alunos e professores do curso de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – campus de Poços de Caldas, Minas Gerais no Brasil, com a parceria das crianças da Escola Infantil Criativa Idade e de idosos vinculados aos projetos de extensão dos cursos de Fisioterapia e Psicologia da mesma universidade. Foi iniciada com o aprendizado seguido da confecção de tintas à base de terra para realização do projeto para a pintura de uma escada, de uma rampa e uma calçada localizadas no campus. O trabalho teve como objetivo promover a integração de diferentes idades na produção de tintas de baixo impacto ambiental, além da intervenção de espaços, e suscitou mudanças, provocando o surgimento de opiniões sobre o resultado e a qualidade dos espaços. A transformação dos locais foi notória e aceita por todos, uma vez que se tornaram mais agradáveis. Ao mesmo tempo, o aspecto visual do concreto dos pavimentos foi alterado com a aplicação de cores com tons naturais ao conjunto. Contudo, após a realização das intervenções, surgiram possibilidades de pintura de outros locais da universidade evidenciando que a estratégia da utilização das tintas à base de terra pode promover a contínua integração de gerações, além da transformação dos espaços do campus que se tornam mais humanos e acolhedores.

## 1 INTRODUÇÃO

Em tempos em que a sustentabilidade se torna algo tão recorrente no cotidiano da sociedade, a necessidade de técnicas e de materiais naturais, que podem ser utilizados de forma convencional e com menores impactos ao meio ambiente, torna-se de extrema importância.

Decorrente dessa necessidade foi criado o projeto “A criança e a construção com a terra”, uma continuação dos trabalhos realizados anteriormente no projeto Recriação.

O projeto, que acontece na PUC Minas, campus Poços de Caldas há cerca de quatro anos, tem como propósito a confecção de tintas à base de terra e busca alternativas para o emprego desses materiais, seja em pinturas murais ou em pisos. A orientação é realizada por uma professora do curso de Arquitetura e Urbanismo que envolve a participação de alunos voluntários do mesmo curso, assim como de crianças da escola Criativa Idade e idosos do Lar dos Vicentinos da cidade.

No primeiro ano de sua criação, o projeto envolveu apenas crianças do extinto projeto Recriação, da Prefeitura de Poços de Caldas, quando foram realizadas intervenções em duas unidades do Recriação próximas à PUC.

Em sua quarta edição, no ano de 2015, o projeto vem atuando em duas vertentes: uma desenvolvida junto ao Galpão das Artes, entidade privada que atende crianças e adolescentes no período de contra fluxo escolar e a outra dentro do próprio campus da universidade. Seu objetivo é a confecção de tintas a base de terra e posteriormente sua aplicação nos mais diversos locais, pretendendo transformar espaços da universidade. Outro objetivo é o de, com a utilização da terra com suas cores e texturas, despertar nas crianças ou idosos envolvidos a conscientização ambiental e por fim a educação ambiental, tão necessária diante do estágio de degradação que se encontra o planeta.

A orientação ocorre sob a responsabilidade do curso de Arquitetura e Urbanismo, envolvendo alunos voluntários do mesmo. As atividades são realizadas todas as semanas, tanto no campus da universidade, quanto na Escola Criativa Idade, ou em áreas selecionadas para receber “as transformações”.

Além da confecção de tintas, este projeto também tem como objetivo a integração das diversas faixas etárias e troca de experiências, que começa com o envolvimento com crianças, passa pelos estudantes de nível superior até chegar aos idosos. Desta forma, diferentes gerações vêm se unindo em prol de um bem comum: a transformação de espaços com o emprego das tintas à base de terra. Como destaca Antonucci (2007, apud França et al, 2010, p.521)

a maneira como o indivíduo constrói e interpreta as situações nas relações sociais produzem um efeito na sua saúde e bem-estar. As pessoas que vivenciam aspectos positivos nas relações de apoio intergeracional sentem-se mais positivas em relação a si próprias e ao seu mundo, suportando melhor a doença, o stress e quaisquer outros tipos de situações ou dificuldades.



Figura 1. Momento da produção das tintas com criança, alunos e professores envolvidos. (Créditos: Camila Parron, 2014)

## 2 DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

A primeira etapa foi a sensibilização seguida da confecção das tintas de acordo com as orientações contidas na cartilha “Cores da Terra” da Universidade Federal de Viçosa-MG, local onde o estudo começou a ser disseminado a partir de 2007.

A composição da tinta usada na PUC Minas é aquela que tem como base três materiais: terra, água e cola. Argilas e siltes da terra, que são as fontes de pigmentos para as tintas, são destorroados para facilitar o processo de peneiramento. Estes componentes dão consistência cremosa ao material, facilitando a sua aplicação. A água é usada para misturar as partículas da terra de uma forma homogênea, visando também uma maior facilidade na hora da aplicação. A cola reúne as partículas da terra entre si para formar uma camada na superfície do local onde a tinta será aplicada, material que também ajuda na cremosidade da tinta facilitando a sua aplicação. De acordo com Carvalho et al (2009, p 4-7)

o uso de pigmentos naturais para a produção de tintas data da pré-história, com as pinturas rupestres. Naquela época, os pigmentos eram de origem natural como os solos, que já eram utilizados. Com o tempo as técnicas foram aperfeiçoadas e mesmo assim, os pigmentos minerais permaneceram. No Brasil, edifícios históricos como os de Ouro Preto, em Minas Gerais foram pintados à base de silicatos e cal, misturados com pigmentos minerais. O que caracterizava as primeiras tintas era a produção artesanal, sustentada por inúmeras técnicas.

O preparo da tinta utilizada foi feito na proporção de 2:2:1, que são duas partes de terra, duas partes de cola do tipo PVA e uma parte de água. A pigmentação foi feita com o corante pó-xadrez. A confecção realizou-se com a participação dos alunos da escola de educação infantil Criativa Idade e acadêmicos do Curso de Arquitetura e Urbanismo em uma oficina ministrada pelas professoras do mesmo. Todo o preparo se deu de forma manual.



Figura 2. Momentos do envolvimento entre acadêmicos do curso de Arquitetura, crianças e idosos na pintura da escada. (Créditos: Camila Parron e Departamento de Comunicação. PUC Minas Poços de Caldas, 2014)

Após o preparo das tintas, a próxima etapa foi a intervenção na escada da universidade. Esta primeira intervenção no campus, partiu da solicitação de usuários dessa escada que a transpõem quase que diariamente, seja para chegar na Clínica de Fisioterapia, seja para acessar o prédio II da Universidade.

Houve no início da segunda oficina um *brainstorm* evocando ideias entre os presentes, fossem crianças, idosos ou alunos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Publicidade e Propaganda, para definir o tema da pintura. A princípio surgiu a sugestão de que os espelhos da escada poderiam ser pintados como se cada um fosse a lombada de um livro, pelo fato de a escada estar situada próxima à biblioteca da universidade. Porém, depois de conversas entre os idealizadores do projeto e os participantes, por se tratar da primeira intervenção na universidade com o emprego das tintas de terra, decidiu-se pelos antigos temas rupestres, pintados nas cavernas, em que as tintas na maioria das vezes, também era a terra.

De início a pintura seria somente desenvolvida por professores e acadêmicos do curso de Arquitetura e Urbanismo, mas, ao ver toda a mobilização e o resultado que estava gerando o trabalho, demais acadêmicos dos cursos de Direito, Fisioterapia, Publicidade e Propaganda juntaram-se ao multirão da pintura, além das crianças e idosos que participaram da manufatura da tinta.

Conforme apontam Blauth e Possa (2012, p.149.) “por outro lado, as obras, ao serem apresentadas no espaço público, geram um diálogo a partir do local, isto é, quando a obra está inserida plenamente em um determinado ambiente”. Mais adiante, as mesmas autoras reforçam (p.151): “a arte hoje transformou suas formas de intervir no espaço urbano, ampliando, também, as discussões sobre a presença das manifestações artísticas oriundas nos espaços urbanos, situados na marginalidade inicialmente, e que hoje já possuem ou conquistam o reconhecimento”.

Devido à repercussão e mudança do visual local, foi solicitado pela coordenação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade ao grupo envolvido no projeto a segunda parte da intervenção no campus: a pintura da rampa que liga o prédio I ao prédio II e Biblioteca do campus. Esta foi uma intervenção em uma escala maior, onde não seriam pintados apenas os espelhos de uma escada: dessa vez seria pintada uma rampa com cerca de 85 metros de extensão, com intenso fluxo de pessoas.



Figura 3. Resultado final, demonstrando como a escada era antes e como ficou depois da intervenção. (Créditos: F.Florentino e Departamento de Comunicação. PUC Minas Poços de Caldas, 2014)

Assim, para a terceira oficina foi produzida pelos envolvidos uma quantidade maior de tinta, com maior variedade de cores. Quase como consequência, mais voluntários se interessaram em participar, sensibilizados pela transformação desencadeada pela recém-pintada escada. Estudantes de Arquitetura e Urbanismo, orientados por uma professora, discutiram o tema e decidiram optar pelo uso de linhas orgânicas com temática mais livre. Cada acadêmico foi instigado a utilizar seu lado criativo e estampar a sua própria proposta com o emprego das tintas de terra, tendo como desafio estabelecer uma relação harmônica daquilo que estava fazendo com aquilo que seus “vizinhos” de pintura executavam. Mais uma vez o resultado foi surpreendente, transformando um simples piso de concreto em algo de aspecto artístico. As tintas utilizadas nesta etapa foram preparadas da mesma forma que na intervenção anterior. Aliás, porções de tintas remanescentes da primeira oficina que tinham sido guardadas foram novamente empregadas. Foram produzidos para a primeira oficina tintas com três tonalidades de solos distintos, que empregaram 20 quilos de cola branca. Depois dessa produção é que a tinta foi “tonalizada” a partir de pigmentos do tipo pó-xadrez originando uma gama bastante diversa de cores.



Figura 4. Segunda intervenção: pintura da rampa de acesso ao prédio II e biblioteca. (Créditos: Ana Paula Ribeiro, 2014)

A partir da realização desta atividade decidiu-se mediante a um debate entre docentes idealizadores do projeto e alunos do Curso de Arquitetura buscar uma matriz de identificação para o mesmo, ou seja, elaborar um desenho que percorresse de forma sutil por todos os caminhos que sejam objetos dessas intervenções, gerando um sentido de unidade entre os mesmos, a fim de possibilitar uma continuidade de desenho.

Utilizando a arte também como educação, a princípio, foram investigadas as obras de artistas brasileiros que trabalharam ou trabalham com grafismos, seja em azulejaria, seja em pintura. Artistas como Cândido Portinari (1903-1962), Lygia Clark (1920-1988), Athos Bulcão (1918-2008), Beatriz Milhazes (1960- ) e Adriana Varejão (1964- ), entre outros, a fim de que a unidade dessa nova intervenção pudesse ser originada pelas próprias manifestações da arte moderna e contemporânea brasileira. Assim, nessa nova intervenção, a pintura mural ganharia elementos da Arte-Educação. Conforme aponta Toledo (2012, p.3)

faz-se necessário repensar os conceitos de educação, buscar novas práticas pedagógicas e conhecer outros espaços educativos que contemplem visões, não de reprodução da situação vigente, mas de transformação da realidade por educadores e educandos envolvidos no delicado processo de aprendizagem. O espaço ainda recente – da educação não-formal pauta-se, de modo geral, pela preocupação com populações excluídas e por uma pedagogia que privilegia o viés da cultura e da arte. Dialogar com tal universo poderá propiciar uma visão mais ampla do ato educacional, engendrar a utilização de práticas pedagógicas diferenciadas, bem como um saudável diálogo com outras instâncias de educação, especialmente a própria escola.

Baseando-se nessa estratégia, foi iniciada recentemente, no final do primeiro semestre de 2015, outra oficina de pintura a partir dessa nova metodologia construída para a idealização do tema que estará presente em diversos dos caminhos do campus da PUC-Minas.

Após extensa pesquisa, foi encontrado um artigo, *The Noigandres Poets and Concrete Art* (Os Poetas Noigandres e a Arte Concretista), escrito por Claus Clüver (2007), da Universidade de Indiana, dos Estados Unidos da América que faz alusão à poesia e a arte concretista brasileira. Vários dos artistas anteriormente citados estavam entre aqueles que Clüver destacou no seu texto. Assim, optou-se pelas três obras apresentadas na figura 5, pelo fato de entenderem que as mesmas poderiam estabelecer um elo de identidade para as próximas intervenções, uma vez que são vários caminhos possíveis por todo o campus.

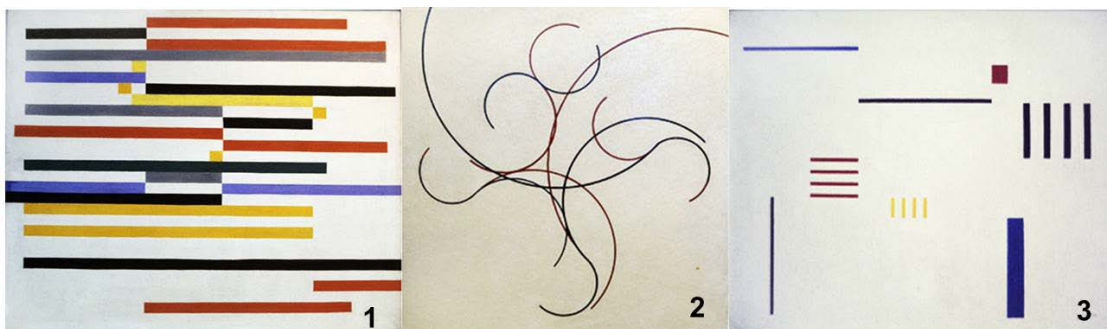


Figura 5. Obras escolhidas para a composição do projeto gráfico da intervenção em curso: 1. Movimento, 1951, de Waldemarr Cordeiro (1952-1973); 2. Variação em curvas, 1956, de Judith Lauand; 3. Concreção, 1953, de Luiz Sacilotto (1942-2003). (Cluver, 2007).

Seguindo os direcionamentos dessa proposta, discutiu-se com o docente responsável pela disciplina de Identidade Visual do curso uma paleta de tons de cores que poderia estar presente como matriz principal para as próximas intervenções. Tal paleta foi definida em função das tonalidades de solo disponíveis para a produção das tintas.



Figura 6. Paleta base utilizada para desenvolver as cores da nova etapa da intervenção.

Essa nova proposta tem como objetivo fazer intervenções que tenham elementos marcantes predominantes. Tais elementos serão, justamente, as obras dos artistas eleitos a partir de Clüver (2007) revisitadas a partir das cores apresentadas.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

É interessante observar que, mesmo depois de anos de encerramento do projeto, as pinturas murais permanecem “cuidadas ou respeitadas”, como pode se observar na figura abaixo:



Figura 7. Murais pintado no início do projeto na Escola Criativa Idade e Lar Criança Feliz

Percebeu-se que, nos locais onde aconteceu cada uma das intervenções, as comunidades envolvidas criam uma relação de pertencimento, zelando pela manutenção de cada um desses espaços.

Percebeu-se o quanto as crianças se envolveram e demonstraram-se entretidas em tal atividade. Imaginava-se já iniciar a pintura da escada nessa primeira oficina, porém, o preparo com o envolvimento das crianças consumiu mais tempo que o previsto. Mas o resultado foi bastante satisfatório e as mesmas solicitaram que fosse repetido este mutirão outras vezes. De acordo com Oliveira (2004), sob o aspecto emocional, adequar-se à natureza, propicia aceitar sua própria natureza. O mexer dos galhos, o deslocamento das nuvens, a água, o vento, o nascer ou o pôr do sol, a chuva, as aves, enfim, tudo faz com que os sentidos se agucem, tudo chama à observação e à atenção, principalmente das crianças, que sempre são atraídas pelo movimento.

A equipe envolvida no projeto não tinha no início ideia da dimensão que a atividade tomaria dentro do campus da PUC-Minas, Poços de Caldas. Imaginava-se, como ocorrera em semestres anteriores, que o projeto “A criança e a construção com terra: murais urbanos e outras histórias” fossem realizadas intervenções com a intenção de melhorar a qualidade dos espaços diversos a partir das tintas confeccionadas com o emprego da terra. Porém, percebeu-se que, a partir do momento em que a própria instituição deseja qualificar os espaços para as pessoas, torna-se fundamental um projeto gráfico, um projeto que confira a identidade visual advinda do uso das tintas confeccionadas à base de terra. Mais que isso, percebe-se que com a transformação dos espaços está enraizada no conceito de Educação Ambiental (MMA, 1999). Aquilo que antes era apenas um meio de ligação entre o estacionamento da Clínica de Fisioterapia e o prédio II do campus, uma escada que passava despercebida perante a correria do dia a dia de estudantes e professores, agora se tornou um dos locais mais disputados da universidade para cenário de fotografias. O

impacto foi bastante positivo e atualmente, em uma sala do prédio I da mesma universidade, há duas fotos impressas nas cortinas black-out: uma com a escada antes da pintura, e outra com a escada depois de sua pintura e transformação.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Era uma vez um pequeno projeto que ganhou grande dimensão... uma dimensão que ultrapassa o momento da procura de tons de terra ou da confecção de tintas que envolve com alegria crianças, jovens, estudantes e idosos. Uma dimensão que demandou o exercício de refletir sobre a Arte, a Arte-Educação e seu papel no tempo presente, assim como na re-significação dos espaços utilizados pela comunidade universitária e seus visitantes. Seguramente, a energia da terra agregada a outros materiais naturais e menos impactantes pode transformar, qualificar e manter de forma saudável a vida das comunidades.

De acordo com Barbosa (1991, p.6) “precisamos levar a arte, que hoje está circunscrita a um mundo socialmente limitado a se expandir, tornando-se patrimônio da maioria e elevando o nível de qualidade de vida da população”.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARBOSA, A. M. (1991). A imagem no ensino da arte: anos 80 e novos tempos. São Paulo: Editora Perspectiva.

BLAUTH, L.; POSSA, A. C. K. (2012). Arte, grafite e o espaço urbano. Revista Palíndromo n. 8/ 2012. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais CEART-UDESC. Disponível em: [http://ppgav.ceart.udesc.br/revista/edicoes/8/artigo\\_arte\\_grafite.pdf](http://ppgav.ceart.udesc.br/revista/edicoes/8/artigo_arte_grafite.pdf). Acesso em 28/06/2015.

CARVALHO, Ânor F. et al (2009). Cartilha do projeto Cores da Terra. Pintando com tintas de terra, Viçosa, Universidade Federal, 2009. Disponível em <https://www2.cead.ufv.br/espacoProdutor/files/cursos/2/cores.swf> . Acesso em 25/06/2015

CLUVER, C. (2007). The Noigandres Poets and Concrete Art. Disponível em: <http://www.lehman.cuny.edu/ciberletras/v17/cluver.htm>. Acesso em 25/05/2015.

FRANÇA, L.H.F.P; SILVA, A.M.T.B e BARRETO, M.S.L (2010). Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? . In Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, Rio de Janeiro: n.13, p. 519-521. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbagg/v13n3/a17v13n3.pdf>. Último cesso em 16/09/2015.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA) (1999). Política Nacional de Educação Ambiental - Lei nº 9795/1999, Art 1º. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/politica-de-educacao-ambiental>. Acesso em 26/06/2015.

OLIVEIRA, Cláudia M. A. S.(2004). A formação da criança nas cidades. Revista Pediatria. São Paulo, 2004. Disponível em: [http://www.academia.edu/7933570/A\\_forma%C3%A7%C3%A3o\\_da\\_crian%C3%A7a\\_nas\\_cidades](http://www.academia.edu/7933570/A_forma%C3%A7%C3%A3o_da_crian%C3%A7a_nas_cidades). Acesso em 10/06/2015.

TOLEDO, Valéria Diniz (2013). Inclusão Social e Arte na educação não formal. VII Simpósio Internacional O Estado e as políticas educacionais no tempo presente. Universidade Federal de Uberlândia, fevereiro/2013. Disponível em: <http://www.simposioestadopoliticas.ufu.br/imagens/anais/pdf/BC14.pdf>. Acesso em 27/06/2015.

#### **AGRADECIMENTOS**

Os autores agradecem à Pontifícia Universidade de Minas Gerais, campus Poços de Caldas pelo espaço cedido para a realização das Oficinas, às professoras Esther Aparecida Cervini e Rosana Soares Bertocco Parisi por não medirem esforços para ensinar e estar presente na realização de todas as oficinas, pelo convite para participação do projeto, por todo o auxílio no desenvolvimento do artigo e à Camila Parron, Felipe Florentino e Ana Paula de Oliveira Ribeiro por autorizarem a reprodução de imagens do projeto e à todos os alunos e professores da PUC-Minas Poços de Caldas que participaram das intervenções.

**AUTORES**

Gustavo Fardin Broglio, graduando em Arquitetura e Urbanismo, do 4º período da PUC-MINAS, campus Poços de Caldas, voluntário no Projeto de Extensão “A Criança e a Construção com Terra”, da PUC-MINAS, campus Poços de Caldas.

Murilo Roberto Arthuso, graduando em Arquitetura e Urbanismo, do 4º período da PUC-MINAS, campus Poços de Caldas, voluntário no Projeto de Extensão “A Criança e a Construção com Terra”, da PUC-MINAS, campus Poços de Caldas.

Narah Cristina Israel dos Santos, graduanda em Arquitetura e Urbanismo, do 4º período da PUC-MINAS, campus Poços de Caldas, voluntário no Projeto de Extensão “A Criança e a Construção com Terra”, da PUC-MINAS, campus Poços de Caldas.